

Editorial

Vol.18, nº31. 2021

Hegel, 250 anos depois

O 250º aniversário de Hegel, celebrado em 27 de agosto de 2020, é marcado por transformações sociais, políticas, climáticas e sanitárias que colocam novos desafios à interpretação de sua obra. Para discutir a atualidade e o legado da filosofia de Hegel, o Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo realizou virtualmente, nos dias 3, 4 e 5 de março de 2021, o evento *Hegel 250 anos: Fenomenologia, lógica e sistema*, co-organizado pelo Prof. Dr. Luiz Sérgio Repa (USP) e os signatários deste editorial (as gravações do ciclo estão no canal do YouTube da [REH](#) e da [FFLCH/USP](#)). Pesquisadoras e pesquisadores de universidades brasileiras e do exterior que participaram do evento contribuíram com seus textos para este novo número da Revista Eletrônica Estudos Hegelianos, que anunciamos com enorme satisfação. Os nexos possíveis entre sistema, fenomenologia e lógica são objetos das contribuições que compõem este dossiê comemorativo. Para a publicação, os artigos passaram pela avaliação de pareceristas às cegas, com exceção de dois artigos publicados por convidados devidamente assinalados na primeira nota de rodapé de cada um.

A edição do presente dossiê foi organizada por editores convidados: Renata Guerra (doutoranda/USP), Fabiana Del Mastro (doutoranda/USP), Paulo Amaral (mestrando/USP) e Adriano Carvalheiro (mestrando/Universidade de Pádua), com o fundamental apoio dos editores adjuntos da revista: Prof. Dr. Ricardo Crissiuma (UFRGS) e Dr. Emmanuel Nakamura (pós-doc/Unicamp). Agradecemos a colaboração de todas as professoras e professores, pesquisadoras e pesquisadores que contribuíram com pareceres para a avaliação dos artigos submetidos a este número. Agradecemos também o trabalho essencial dos leitores de prova da revista responsáveis pela formatação e adequação final dos artigos: Arthur Silva Okanha Martins (UFABC), Iuri Slavov (UFABC), Guilherme Balduino Gonzaga (UNB), Giuliana Facciolli (UNB), Luiz Filipe da Silva Oliveira (UFRGS), Nikolas Steyer Kostrhun (UFRGS), Pedro Victor Graciosa Manfredi (UFABC). Aproveitamos para expressar aqui o nosso reconhecimento a todas e todos que participaram do evento e auxiliaram na publicação do dossiê.

As leitoras e leitores do nosso dossiê notarão o esforço de atualização dos estudos hegelianos nos diversos âmbitos de sua filosofia, desde a sua Fenomenologia do Espírito até a sua Filosofia do Espírito Absoluto. Nesse sentido, os trabalhos que compõem este dossiê são uma



mostra de novas possibilidades interpretativas de sua filosofia. Cabe ainda notar a interlocução entre pesquisadoras e pesquisadores de diferentes partes do mundo, o que contribui para a produção de reflexões conjuntas e multifacetadas sobre a filosofia hegeliana. Com esta publicação, esperamos contribuir para o enriquecimento da pesquisa hegeliana, bem como fomentar um debate construtivo entre as pesquisadoras e pesquisadores.

O artigo que abre o nosso dossiê, **From a Ladder to a mere Rung: The Functions of the *Phenomenology of Spirit* within or without the *Encyclopædia***, de Emmanuel Chaput, doutorando em Filosofia na Universidade de Ottawa, investiga as diferentes funções da *Fenomenologia do Espírito*, de 1807, e da fenomenologia no interior da *Enciclopédia das ciências filosóficas*. Segundo o autor, a *Fenomenologia do Espírito* seria uma escada que levaria a consciência natural ao conhecimento filosófico, ao passo que a fenomenologia da *Enciclopédia* seria um mero degrau do sistema de Hegel. Contra a posição de que a *Fenomenologia do Espírito* teria, então, se tornado secundária, em vista da sua posição no interior da *Enciclopédia*, Chaput sustenta uma distinção entre as funções desempenhadas por cada fenomenologia. Com isso, ele procura compreender os diferentes propósitos de cada uma delas no sistema de Hegel, advogando, assim, a favor de uma leitura que distingue dois momentos fenomenológicos, em vez de abordá-los de modo unívoco.

O próximo artigo também tece relações com a *Enciclopédia*, mas agora explorando o nexo entre lógica e psicologia. Em **Essence and Representation as Moments of Mediation in the Hegelian System: a Comparison between the Logic and the Psychology of the Subjective Spirit**, de Martina Barnaba, doutoranda em Filosofia na Universidade de Roma “La Sapienza”, apresenta-se um paralelismo entre os três momentos da *Ciência da Lógica* (ser, essência, conceito) e os três momentos da psicologia na *Enciclopédia* (intuição, representação, pensamento), pondo em evidência os momentos de mediação da essência e da representação. A autora propõe-se a determinar o significado da mediação no sistema de Hegel pela investigação acerca da ideia de “dualidade relacional”. A partir daquele paralelismo, ficará evidente como a “operação negativa dos dois momentos intermediários” — a essência, na *Ciência da Lógica*, e a representação, na *Enciclopédia* — é de vital importância para a lógica e a psicologia no sistema de Hegel. Segundo Barnaba, sem a essência, o conceito não pode se tornar logicamente idêntico a si mesmo; sem a representação, no âmbito da psicologia, o pensamento é condenado à pura abstração.

Discussões sobre o projeto hegeliano de ciência lógica são aprofundadas no artigo **The Scientific Status of Hegel's *Logic*, its Circular Structure, and the Matter of its Beginning**, de **Robb Dunphy**, doutor em Filosofia pela Universidade de Sussex e atualmente docente no Departamento de Filosofia da New College of the Humanities. Investiga-se aqui os critérios elencados por Hegel para justificar o estatuto científico da lógica. Após identificar os diversos requisitos necessários para a exposição científica da lógica, Dunphy procura aprofundar dois critérios específicos: a exigência de uma estrutura circular e o problema do início da ciência. Em sua leitura, o critério da circularidade afirmado por Hegel serviria para atender à demanda de completude no tratamento das categorias de pensamento. Por sua vez, sugere-se que o segundo critério do início da lógica não seria idêntico ao problema da fundamentação da ciência; antes, ele corresponderia a um convite a possíveis objeções céticas. No entanto, Dunphy afirma que Hegel abandonaria essa solução na lógica da *Enciclopédia*. Isso certamente representaria um impasse para a completude do sistema. De um lado, Hegel tentaria superar as objeções céticas na *Ciência da Lógica*, pois elas ameaçariam o começo do tratamento lógico das categorias; por outro lado, ao abandonar essa solução na *Enciclopédia*, Dunphy sugere que Hegel retrocede filosoficamente, dado que, em sua versão final, apenas afirmaria a validade da razão especulativa frente às objeções céticas.

Questões sobre a estrutura circular e o começo da lógica também são trabalhadas no artigo **Início e circularidade na *Ciência da Lógica* de Hegel**, de **Dalmiro Schwartz Lara**, mestrando em Filosofia na Universidade Estadual de Campinas. Reconstrói-se o debate sobre a relação entre o problema do início na ciência lógica e a sua circularidade a fim de encontrar uma interpretação que seja satisfatória para a solução daquele problema. Nessa reconstrução, Lara se posiciona no debate ao sustentar uma solução que conciliaria, via circularidade da ciência, mediação e imediatidade do início lógico. Ao confrontar as leituras de Bernard Bourgeois, Stephen Houlgate e Dieter Henrich, o autor sustenta que Bourgeois e Houlgate teriam posições unilateralmente opostas que desconsiderariam a perspectiva de Henrich. Nesse debate, Lara se aproxima da posição de Henrich ao mostrar, na discussão do texto *Com o que precisa ser feito o início da ciência?*, como se daria a mediação da imediatidade implicada na circularidade interna da *Ciência da Lógica*. Isso significaria, na interpretação apresentada, que a circularidade é responsável pelo preenchimento do início imediato e indeterminado, de modo que é a partir da mediação que se encontra um fundamento determinado para o início da ciência.

Em “**A impotência da natureza**”: **necessidade e contingência lógica, natural e espiritual**, de Régis Alves, doutorando em Filosofia na Universidade de São Paulo, investiga-se a abordagem de Hegel na *Ciência da Lógica* das ditas categorias modais, necessidade e contingência, dada a importância das funções natural e espiritual da contingência frente à sua determinação lógica. Alves organiza a sua argumentação em três frentes: 1) trata-se de mostrar, em um primeiro momento, como a necessidade absoluta de Hegel deve ser confrontada com as concepções antiga e moderna de necessidade, em vista do caráter especulativo que ela adquire no interior da lógica graças à sua relação essencial com a contingência; 2) em um segundo momento, o autor ultrapassa o estatuto lógico da contingência para elucidar como ela se torna constitutiva não apenas da necessidade lógica, mas atua igualmente na constituição dos objetos naturais e espirituais; 3) por fim, defende-se que a contingência natural, marcada pela irreduzibilidade ao conceito, faz parte da constituição da facticidade da natureza e, conseqüentemente, participa ela mesma da contingência lógica. Isso significaria, segundo Alves, afirmar a presença da facticidade, na lógica, como contingência não contingente, de modo que Hegel não separaria o âmbito factual da lógica, mas os conciliaria, a bem dizer, em sua filosofia especulativa, do que depende sua posição radical em comparação com as abordagens antigas e modernas das categorias modais.

Nessa linha de interesse sobre o nexo entre lógica e filosofia da natureza, o artigo **Do Logos à Physis: O problema da passagem da Lógica para a Filosofia da Natureza no sistema filosófico de Hegel**, da Profa. Dra. Márcia Cristina Ferreira Gonçalves (UERJ), busca compreender a conexão entre o conceito de ideia absoluta e o conceito de natureza, ambos desenvolvidos, respectivamente, na *Doutrina do Conceito da Ciência da Lógica* e na *Filosofia da Natureza*. Segundo a interpretação proposta por Gonçalves, a necessidade da passagem da lógica para a natureza se fundamentaria na manifestação necessária da ideia absoluta na natureza como forma imediata da unidade entre o conceito e sua realidade efetiva. Assim, a saída para a natureza significaria a possibilidade de uma apresentação imediata da conexão necessária entre espírito e natureza; como coloca a autora, “o verdadeiro sentido do *Logos* na *Physis*”. A fim de demonstrar essa unificação entre o conceito e sua realidade efetiva, Gonçalves divide o seu artigo em três partes: 1) trata-se de primeiro evidenciar como os conceitos aristotélicos de *nous* e de *physis* influenciam Hegel, 2) bem como os conceitos de absoluto e de natureza de Schelling; 3) por fim, elabora-se a conexão entre ideia e natureza no sistema de Hegel. Para a autora, é importante compreender como a relação dialética entre espírito e natureza tem como

parâmetros a autoconsciência e a liberdade, sendo, pois, “possível e necessário encontrar na filosofia de Hegel um meio importante para reavaliar nossa relação com a natureza e nossa condição de seres racionais e autoconscientes, especialmente em nosso momento histórico atual, no qual o mundo enfrenta não apenas uma crise ecológica, mas também uma crise política, que coloca em risco importantes valores éticos pensados por Hegel, como o reconhecimento e a liberdade”.

No artigo **A luta contra a “subjugação da vontade”: segunda natureza, paradoxo da libertação e crítica imanente nas *Grundlinien***, de **Patrícia Riffel**, doutora em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, apresenta-se a ideia de liberdade como dinâmica de libertação, cujo processo é constitutivamente marcado por luta e contradição. Riffel argumenta que essa compreensão da libertação leva a um paradoxo sobre o próprio ato de libertação: este ato só se torna possível se a vontade do sujeito já for livre ou já existir em um contexto de liberdade. Nesse sentido, trata-se do paradoxo da autonomia que retorna como paradoxo da libertação. Segundo sua leitura, pode-se solucionar esse paradoxo a partir da teoria da formação de Hegel e do aprofundamento negativo de um conceito iluminista de crítica, com os quais ela lida ao longo do artigo. Ela considera, por fim, algumas críticas à noção hegeliana de crítica imanente elaboradas pela teoria crítica, para, então, determinar duas características da natureza do processo de efetivação da vontade livre: 1) a unidade entre teoria e prática no desenvolvimento do espírito; 2) a conexão entre espírito finito e espírito infinito que caracteriza a segunda natureza em Hegel. Com isso, Riffel pretende apresentar o sentido da transformação da filosofia de Hegel e o seu aprofundamento dos conceitos de crítica e negação.

Reflexões sobre a filosofia prática de Hegel também são desenvolvidas no penúltimo artigo do dossiê. **Hegel’s Political Epistemology**, do **Prof. Dr. Jean-François Kervégan** (Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne), propõe uma interpretação epistemológica da famosa sentença que Hegel enuncia no prefácio das *Grundlinien*: “O que é racional é efetivo, e o que é efetivo é racional”. Sua intenção é compreender em que sentido esse discurso filosófico se relaciona com a realidade. Para isso, o autor toma com seriedade a posição de Hegel sobre o propósito da filosofia: ela não poderia prescrever ao mundo social aquilo que ele deve ser, mas apenas definir o modo pelo qual ele pode ser conhecido. Ao confrontar uma gama de interpretações sobre a *Doppelsatz*, Kervégan especifica a interpretação que procurará desenvolver ao longo do artigo: aquela famosa sentença corresponderia a uma posição político-epistemológica. Essa epistemologia política de Hegel seria, segundo o autor, uma teoria sobre as normas de

conhecimento da política. Para o autor, a epistemologia política de Hegel encerra uma teoria não normativa, ao menos no sentido de que não prescreve normas práticas à política, mas seria genuinamente epistemológica, já que prescreve normas epistemológicas à teoria política.

Encerramos o dossiê com um artigo dedicado à estética hegeliana: **Forma e conteúdo no sistema das artes de Hegel**, de **Gustavo Torrecilha**, mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo, procura mostrar como a estética de Hegel é pautada pelo conteúdo justamente por causa do caráter dialético do seu sistema filosófico, que articula as artes particulares e suas relações mútuas. Segundo Torrecilha, há uma conexão entre a estética e o aspecto lógico que permite superar uma apreensão meramente abstrata ou formal do fenômeno artístico. Nesse sentido, leva-se em conta a conexão das diferentes formas artísticas com o seu conteúdo. Como o fenômeno artístico é apreendido a partir de um contexto determinado e segundo uma inter-relação entre forma e conteúdo, Torrecilha sustenta que a estética hegeliana entrega resultados proveitosos para a reflexão sobre a arte mesmo em um enquadramento pós-hegeliano. O autor enfatiza que o maior legado de uma estética que prioriza o conteúdo e a sistematização das artes é a inserção da arte na história do espírito humano.

Convém lembrar o contexto político adverso em que o presente número foi organizado: o atual governo federal, com o seu projeto autoritário, tem desestruturado fortemente as instituições da sociedade civil, os nossos já frágeis sistemas de proteção social e o sistema educacional e de pesquisa do país. A atual conjuntura política só deve reforçar o caráter essencialmente crítico da filosofia social hegeliana e dos artigos apresentados neste número. Esperamos aqui contribuir para a divulgação e o debate da pesquisa filosófica sobre a atualidade e o legado do pensamento de Hegel.

Desejamos a todas e todos uma boa leitura!

Adriano Carvalheiro

Fabiana Del Mastro

Paulo Amaral

Renata Guerra